



Desajustados? Uma análise semiótica dos comentários da *fanpage* *Quebrando o Tabu*

Natália Silva Giarola de Resende¹

RESUMO:

O presente artigo visa examinar os percursos narrativos e discursivos construídos por dez comentaristas da *fanpage* *Quebrando o Tabu*, referentes à declaração de Hamilton Mourão em 2018, afirmando que as famílias constituídas apenas por mães e/ou avós resultavam em filhos/netos “desajustados”. Para tanto, traçamos uma breve contextualização do momento político pelo qual o Brasil estava inserido e os aspectos ligados às redes sociais. Como arcabouço teórico-metodológico, utilizamos a sintaxe narrativa e o nível discursivo do percurso gerativo de sentido da Semiótica Discursiva. A partir dessas articulações, verificamos os efeitos de sentidos presentes nos comentários, tais como legitimidade, subjetividade e narrativas de vida.

PALAVRA-CHAVE:

Semiótica Discursiva;
Estudo do discurso;
Discurso da internet;

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (Linguagem e Tecnologia) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7768-8091>

1 Introdução

Este artigo pretende examinar os percursos narrativos e discursivos construídos nos dez comentários mais relevantes da *fanpage Quebrando o Tabu*, referentes à publicação “Mães e avós não são capazes de criar alguém para ser um cidadão de bem, de acordo com o vice do #elenão. Não é possível que é isso que a maioria quer pro Brasil”, publicada no dia 17 de setembro de 2018. A postagem refere-se a uma declaração realizada pelo então candidato à vice-presidência da República, na chapa de Jair Bolsonaro (PSL), general Hamilton Mourão, em que afirma que famílias compostas apenas pela mãe e a avó são “fábricas de desajustados” com tendência a “ingressar” no narcotráfico.

Posto isso e tendo em vista que as redes sociais, principalmente o *Facebook*, tornaram-se novos espaços para as análises do discurso, a escolha do corpus deste estudo se dá em razão de entendermos que os comentários se constituem como uma expressão dos modos de comunicar e interagir, regidos por valores e ideologias individuais e/ou coletivas, tornando-se um material novo e rico em informações. Isso nos possibilita estudar, analisar e descrever os mecanismos de construções do sentido e da enunciação sob esse novo viés de interação social.

Para isso, utilizamos como recurso teórico-metodológico a Semiótica Discursiva, a partir dos trabalhos de Greimas e Courtés (2016), Diana Barros (1994, 2002), Lara e Matte (2009) e Fiorin (2016, 2016, 2019). Desse modo, na primeira parte do trabalho, apresentaremos o objeto de estudo e sua relação com as redes sociais e com o contexto histórico do Brasil no ano de 2017. Em um segundo momento, expomos uma síntese da teoria semiótica, posteriormente, expomos a análise, com foco na sintaxe narrativa e no nível discurso e, por fim, as considerações finais.

2 As redes sociais como campo discursivo

O crescimento do uso das redes sociais no Brasil possibilitou novos espaços para os processos de comunicação e para os discursos. Em complemento, Recuero (2009, p. 27) acrescenta que as redes sociais permitem que as pessoas sejam percebidas por seus discursos e depois julgadas, o que possibilita que elas sejam expostas a determinados sistemas ideológicos. Nos comentários do *Facebook*, por exemplo, os sujeitos constroem suas falas para expressar elementos de sua personalidade ou individualidade. “Essas apropriações funcionam como uma presença do eu no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público” (RECUERO,

2009, p. 27). Isso significa dizer, na perspectiva do referido autor, que os indivíduos passam a ser julgados pelo que dizem.

Com isso, destacamos o crescente uso das redes sociais no Brasil e no mundo, como o Facebook. Conforme explica Cáceres (2013), o fenômeno Facebook é um dos mais importantes e sucedidos da história do ciberespaço. Segundo o autor, a rede social tem uma arquitetura simples e didática, o que permite sua popularização e seu elevado uso em atos de ciberativismo, campanhas políticas e entretenimento. Nas eleições presidenciais brasileiras de 2014, por exemplo, o Facebook tornou-se a principal plataforma online de propaganda política, circulação de informações, de mobilização e de debates (BRAGA; ROCHA; CARLOMAGNO, 2015). Em 2018, de acordo com um estudo do Monitor do Debate Político da Universidade de São Paulo (USP), publicado na Folha de São Paulo, a rede continuou sendo a rede social com mais interações entre candidatos.

Em termos gerais, nosso estudo se interessa pelas discussões e conversações que o Facebook oferece por meio dos comentários contidos na *fanpage* Quebrando o Tabu. A página foi criada em 1 de janeiro de 2011, com o intuito de divulgar o documentário “Quebrando o Tabu”, do cineasta Fernando Grostein. De acordo com Alves (2019), o Quebrando Tabu vive uma ascensão desde 2015, ganhando linhas editoriais, participação de colunistas e lançando, até mesmo, um programa de TV a cabo com o formato de série documental no GNT, com temáticas como o feminismo, a política, o racismo e a violência. O autor ainda acrescenta que a *fanpage* aparece em primeiro lugar no ranking das 30 páginas que mais disseminaram suas publicações entre 2013 e 2018, com mais de 35 milhões de compartilhamento, tornando-se uma das páginas mais influentes na internet brasileira.

1.1 Comentários de *fanpage* e interface política

De acordo com Reagle Jr. (2016), os comentários são a força motriz do Facebook e produzem significados sobre temas que estão inseridos no espaço público e que, na maioria das vezes, são objetos de polêmicas e tensões. Dentre essas tensões, as falas e ações políticas são as que mais repercutem nos meios digitais, como é o caso do nosso *corpus*. Para compreender o que motivou sua escolha, é preciso entender o momento político que o Brasil vivenciava: as eleições presidenciais de 2018.

Nossa contextualização começa com o pleito presidencial de 2014, em que houve uma acentuada polarização entre esquerda, representada pela candidata Dilma Rousseff (PT), e a direita, na figura do candidato Aécio Neves (PSDB). A vitória da candidata do PT resultou, segundo Oliveira (2015), em um sentimento de antipetismo,

que puderam ser sentidos nas manifestações de 2015, com os gritos de “Fora Dilma”, desdobrando-se, em 2016, no processo de impeachment da presidenta. Após o impeachment, a presidência foi assumida pelo então vice-presidente Michel Temer.

Entre 2016 e 2018, é enaltecida a figura do então deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC). Sua ascensão se dá junto com suas ideias sobre conservadorismo político e o fundamentalismo religioso. Bolsonaro, conforme salienta Cioccarri e Persichetti (2018), é pautado por valores morais, baseando-se no discurso do medo e a incitação ao ódio. Para os autores, a ascensão da onda conservadora no Brasil, a polarização entre esquerda e direita, o antipetismo e um discurso de salvação do país, mesmo utilizando discursos contra as minorias – mulheres, negros, homossexuais – e os nordestinos, culminaram na vitória, em segundo turno, de Jair Bolsonaro como presidente em 2018, sobre o candidato petista Fernando Haddad.

Durante essas eleições, ainda no primeiro turno, o candidato à vice-presidência na chapa de Bolsonaro (PSL), Hamilton Mourão (PRTB), proferiu uma palestra a empresários no Sindicato da Habitação (Secovi), em São Paulo, no dia 17 de setembro. Em certo momento, o candidato afirmou que

[...] família sempre foi o núcleo central. A partir do momento que a família é dissociada, surgem os problemas sociais que estamos vivendo e atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai nem avô, é mãe e avó. E por isso torna-se realmente uma fábrica de elementos desajustados e que tendem a ingressar em narco-quadrilhas que afetam nosso país (CORREIO BRASILIENZE, 2018).

A citação englobava umas das pautas da chapa, em que os candidatos acreditavam que o Brasil vivia uma crise de valores e que as famílias, nas quais a figura masculina não era central, criavam “elementos desajustados”, que “tendem a ingressar em narco-quadrilhas”. Segundo o jornal Correio Brasilienze, o pronunciamento de Mourão teve uma repercussão negativa, principalmente nas redes sociais. Motivo, pelo qual, surgiu o nosso interesse em trabalhar com os comentários referentes a esse tema na publicação do Quebrando o Tabu.

Realizadas as considerações acerca do contexto do *corpus* deste estudo, julgamos necessários realizar uma breve exposição sobre o arcabouço teórico-metodológico, que será utilizado em nossas análises, a saber: a semiótica francesa.

3 Uma breve introdução à semiótica francesa

A semiótica francesa, também denominada semiótica discursiva, tem sua origem com os trabalhos do lituano Algirdas Julius Greimas, nos anos de 1960. Suas bases teóricas advêm do estruturalismo saussuriano e hjelmsleviano e na teoria da narratividade do russo Vladimir Propp. Posteriormente, no final da década de 70, a teoria volta-se para os estudos da enunciação, com Benveniste. De acordo com o Dicionário de Semiótica (COURTÉS; GREIMAS, 2016, p. 455), a semiótica é uma teoria da significação, que busca explicar as condições de produção e de apreensão do sentido. Para a teoria, o sentido resulta de rupturas, de descontinuidades. Em outras palavras, da percepção da diferença, em que “o mundo natural é visto como uma continuidade que o mundo humano rompe a fim de criar sentido” (SOBRAL, 2016, p. 126).

Sendo assim, entendemos que o campo empírico da semiótica é o texto, seja ele verbal ou não verbal. O texto, portanto, é o suporte material que “expressa” o conteúdo. Logo, a teoria volta-se para os mecanismos de produção de sentidos dos textos, tanto na sua materialidade (plano de expressão) quanto em seu conceito (plano do conteúdo). Neste artigo, priorizamos o estudo do plano de conteúdo. Este está estratificado em níveis de construção de sentido, ou seja, em um percurso gerativo de sentido.

Greimas e Courtés (2016) explicam que o percurso gerativo é um dispositivo que se vale para simular a produção/interpretação de texto. Esse modelo greimasiano propõe três níveis autônomos para análise da significação: (1) estruturas fundamentais; (2) estruturas narrativas e (3) estruturas discursivas, cada qual com uma sintaxe e uma semântica. O primeiro nível, o das estruturas fundamentais, constitui o plano mais profundo, simples e abstrato, determinando as oposições de base de um texto determinado. As estruturas narrativas correspondem ao segundo nível, em que as estruturas elementares são narrativizadas. Por fim, o último nível é o das estruturas discursivas, o plano mais próximo da manifestação textual, responsável pelos papéis dos diferentes atores da perspectiva da enunciação. Para nossa análise, serão abordados: (1) sintaxe narrativa; (2) sintaxe discursiva; (3) semântica discursiva. Posto isso, quando necessário, retomados detalhadamente alguns desses postulados na próxima seção, articulando-os à análise do corpus.

4 Desajustados? - Uma análise semiótica

Utilizaremos, nesta parte do trabalho, a teoria e a metodologia da Semiótica Discursiva, no que tange o nível narrativo e discursivo. Nosso intuito é traçar os percursos narrativos da sintaxe narrativa, as categorias enunciativas e os temas e as figuras dos dez primeiros comentários referente à publicação do Quebrando o Tabu, intitulada “Mães e avós não são capazes de criar alguém para ser um cidadão de bem, de acordo com o vice do #elenão. Não é possível que é isso que a maioria quer pro Brasil”, publicada no dia 17 de setembro de 2018. Vale destacar que os comentários foram escolhidos segundo a ordem dos “mais relevantes”, conforme a classificação do Facebook. Os comentários podem ser constatados na figura 1.

Figura 1 Comentários do corpus



Fonte: Facebook (2019)

4.1 Os percursos dos comentaristas

Depois de apresentada a metodologia, trataremos, agora, de examinar nosso objeto de pesquisa. Segundo Resende (2017), a sintaxe narrativa trata das pressuposições lógicas, de acordo com as quais cada texto possui um ou mais programas que envolvem uma transformação de estado. Deve-se esclarecer que um estado em uma narrativa se expressa pela relação de junção (conjunção ou disjunção)

de um sujeito com um objeto, em que são investidos determinados valores. Assim, o enunciado elementar da sintaxe narrativa é definido pela relação entre dois actantes: o sujeito e o objeto.

Essa relação de transformação de um sujeito do fazer (S₁) que transforma um sujeito de estado (S₂) a entrar em conjunção ou disjunção com seu objeto-valor pode ser observada nos programas narrativos (PN), sendo que o enunciado de fazer rege o de estado. Adotaremos, nos comentários, a seguinte relação: S₁ como Mourão e S₂ como os comentaristas. Logo, nos comentários 1 e os de 3 a 10, ocorrem o meio de disjunção por privação expropriação. Vejamos a transcrição do primeiro comentário

Excerto 01 (comentadora 01:)

A desajustada aqui, jornalista, têm duas faculdades, única com curso superior do total de 35 primos. Lembrando, rejeitada pelo pai, fui criada pela mãe e avó somente... sendo que todos os outros tiveram a “tradicional família brasileira”. Ah, nunca usei drogas. Obrigada mãe e vó por tudo!

A sintaxe discursiva do excerto 01 é representada da seguinte forma

PN₀₁ = F (casa de mãe e avó fábrica de desajustados – fala Mourão)

[S₁ (Mourão) (S₂ (Comentarista 01) U O_v)]

O_v = sujeitos desajustados

Nesse caso, S₁ (sujeito de fazer - Mourão) e S₂ (sujeito de estado-comentaristas) são diferentes e encontram-se em estado de disjunção com o objeto valor, ou seja, não são sujeitos desajustados. Visando evitar repetições demasiadas, afirmamos que a mesma sintaxe discursiva é encontrada nos comentários 3 a 10. Chama nossa atenção, no entanto, o comentário 2, em que há uma conjunção por aquisição/doação. Observemos.

Excerto 02 (comentadora 02:)

@comentarista 01, ele se referia a importância da família. Que há uma crise em todo mundo. Deu o exemplo do Brasil, que quando a família é dissociada, surgem problemas sociais, principalmente nas áreas carentes, com tendências de seus descendentes entrarem para o narcotráfico. Isso não é regra, óbvio. Qdo ele fala de pai/mãe não está colocando a culpa em ngm, é só um exemplo. Ao contrário do que noticiam no título da matéria de maneira sensacionalista e desleal com o Gen Mourão. Isenção da mídia passa longe. Triste realidade.

A sintaxe discursiva do excerto 01 é representada da seguinte forma

PN₀₂ = F (fala comentarista 01)

[S₁ (Comentárista 01) (S₂ (Comentárista 02) U O_v)]

O_v = fala do Mourão no sentido negativo (interpretação negativa da fala)

Neste caso, S₁ e S₂ diferem-se um do outro, mas encontram-se em estado de conjunção com o objeto de valor, neste caso o S₂ concorda com o posicionamento de Mourão (S₁). Ainda na sintaxe narrativa, há a sequência narrativa canônica. Segundo Lara e Matte (2007), elas se compõem em quatro fases, saber: manipulação, competência, performance e sanção. Elas formam os “programas narrativos que se encadeiam para formar os percursos que, juntos, compõem o esquema narrativo canônico” (LARA; MATTE, 2007, p. 25). Segundo Fiorin (2014), essa sequência se divide em três percursos. O primeiro é o do destinador manipulador, em que o sujeito age sobre o outro com o intuito persuadi-lo por meio de da tentativa, intimidação, sedução e/ou provocação, a fim de levá-lo a querer ou dever fazer algo.

O segundo percurso é o do sujeito, compreendido pela competência (trata-se da doação de valores modais (*querer, dever, poder, saber - fazer*) ao sujeito de estado, tornando o apto para agir) e *performance* (nessa fase, ocorre a transformação, mudança de um estado para o outro, além da apropriação dos valores da competência). O último é o percurso do destinador julgador, caracterizado pela sanção, em que existe a constatação de que a *performance* se concretizou, melhor dizendo, a *performance* é sancionada ou não pelo destinador-julgador.

Ao observarmos os comentários 1 e os dez a 10 temos um percurso narrativo de manipulação, em que a fala de Mourão tem um papel actancial (destinador-manipulador), que tenta manipular, por provação, persuadindo o destinador por um saber, criando uma imagem negativa do sujeito. Desse modo, Mourão acredita saber que famílias sustentadas apenas por mães e/ou avós geram filhos e netos “desajustados”. No entanto, segundo Barros (2002, p.38), para que haja a manipulação, é necessário que o sistema de valores do destinador seja o mesmo do destinatário, o que não ocorre nesses comentários, melhor dizendo, dos comentadores 1, 3 a 10. Para exemplificar, vejamos o comentário 5.

Excerto 03 (comentador 05:)

Criado por mãe e avó, cursando ensino superior com bolsa integral pelo Prouni e fazendo estágio empreendedor no Egito. Cadê tua voz agora, Mourão? #EleNão

Nele, o destinatário não aceita a posição proposta por Mourão e apresenta argumentos que refutam o posicionamento do destinador-manipulador. Sendo assim, o destinador, ao apresentar sua posição, crer ser verdadeiro seu posicionamento,

contudo, o mesmo é rejeitado pelo destinatário. Já no caso do comentarista 2 (excerto 02), temos um percurso em que a manipulação é aceita, visto que o contrato entre destinador-manipulador é aprovado pelo sujeito.

No caso do comentador 2, a manipulação ocorre por tentação, de um poder-fazer bem as famílias do Brasil, uma vez que, caso eleitos, a chapa Bolsonaro e Mourão iria solucionar o problema das famílias sustentadas por mães e avós. Como apenas no comentário 2 a manipulação é aceita, as demais fases da sequência narrativa canônica são concretizadas. Há uma atribuição de competência modal, em que o destinador (Mourão) doa ao destinatário-sujeito (comentarista 2) o valor saber fazer ao pronunciar seu ponto de vista sobre a constituição da família brasileira. O Quebrando Tabu, ao publicar a fala, torna-se o meio para que a performance aconteça, uma vez que o sujeito realiza a ação, quando responde positivamente, via comentário, a fala do candidato à vice-presidência.

Para o destinador-manipulador, o sujeito criado por mãe e avó se encontra “desajustado”, privado do seu objeto de valor (disjunção) e se transformaria em um bom cidadão (conjunção) apenas se estivesse em uma família sustentada pela figura masculina. Por conseguinte, encontramos uma sanção cognitiva, por reconhecimento positivo, em relação à fala do destinador-manipular (sobre o comentarista 02).

Partimos agora para o último nível de análise, o discursivo. Em sua sintaxe, ele é definido, segundo Greimas e Courtés (2016), pela instância da enunciação. Em complemento, segundo Fiorin (2016) a enunciação caracteriza a instância que carrega as categorias que projetam o enunciador no enunciado, por meio de um conteúdo linguístico da ordem da pessoa, tempo e espaço. Assim, ao realizar-se, a enunciação deixa marcas no discurso por meio das categorias dêiticas de pessoa, tempo e espaço, que podem ser resgadas por meio de dois mecanismos básicos no processo enunciativo: a debreagem e a embreagem. De acordo com Fiorin (2016, p. 37), a debreagem é a instauração das categorias de tempo, espaço e pessoa no discurso, sendo que, quando se depreende no enunciado as categorias do eu – aqui – agora –, temos a debreagem enunciativa e quando não se projetam as categorias da enunciação (o que equivale ao ele – lá – então), encontramos uma debreagem enunciva. Já a embreagem é o efeito de retorno à enunciação, com a neutralização das categorias enunciativas.

Há, ainda, que se considerar um segundo e terceiro ordenamento enunciativo, que comporta a existência dos pares: narrador-narratário e interlocutor-interlocutário, que são instalados, explicitamente ou não, no enunciado. Mesmo quando há uma aparente ausência, existe, indubitavelmente, um actante inserido no enunciado responsável pelas avaliações e interpretações do que é dito. Dessa forma, o

enunciador se desdobra em um narrador, responsável pela palavra dentro do enunciado, assim como o enunciatário manifesta-se em um narratário. Se o narrador delega voz a um personagem no interior do texto, temos, nesse caso, debreagens internas, originando interlocutores e interlocutários.

No comentário 1 (rever excerto 1), temos um eu enunciador que delega voz a um narrador, como percebemos no trecho “fui criada” (eu narrador posto no texto). Além disso, temos uma embreagem actancial enunciativa em “a desajustada aqui” / “rejeitada pelo pai”, em que ocorre a pessoa subvertida (FIORIN, 2016, p. 74). Nesse caso, o comentarista se refere a si mesmo não em primeira pessoa do singular, mas em terceira (a desajustada – ela). A subversão da pessoa gera um efeito de sentido de ironia. Além disso, a subversão faz com que o enunciador se esvazie de toda e qualquer subjetividade e se apresente apenas como papel social.

No comentário 02, (rever excerto 2), notamos a presença da pessoa transformada, isto é, a inclusão de uma enunciação em outra por meio do discurso indireto. Na passagem, o comentarista 2 resume a fala de Mourão. Logo, ele dá sua visão do texto original e, também, constrói uma imagem do locutor (Mourão), mostrando, conforme salienta Fiorin (2016), suas posições ideológicas.

Chamamos atenção no comentário 3 para a utilização da pessoa transformada por meio de um discurso reportado. Melhor dizendo, pela inclusão de uma enunciação em outra através do discurso direto, representado graficamente pelo uso das aspas. Neste caso, a comentadora inicia seu discurso reproduzindo a citação de Mourão entre aspas. O discurso direto resulta em uma debreagem interna (FIORIN, 2016, p. 65), em que o narrador (Comentarista 3) dá a voz a um actante do enunciado. Isso gera um efeito de sentido de realidade, dado que ao utilizar a fala direta entre aspas, o narrador repete o que foi dito por Mourão para contestar o comentarista 2, de que a mídia não “sensacionalizou”, apenas reproduziu o que foi declarado.

O comentário 6 também se destaca pelo uso da pessoa demarcada, isso é, um eu que diz eu. Contudo, o uso do “somos” simboliza, para Fiorin (2016), um nós inclusivo, que é junção do eu mais tu, como percebemos no trecho “você está se formando e eu sou sargento da Marinha”. Ao usar esse recurso, o enunciador cria um efeito de sentido de credibilidade e familiaridade, já que o nós inclusivo propicia uma afinidade e veracidade no comentário. Nos demais comentários - 4, 5, 7, 8, 9 e 10, nota-se a debreagem actancial enunciativa, como podemos notar em expressões como: “fui criado”, “sou mãe solteira”, “tenho orgulho”, “somos”, “a desajustada aqui”, “me ensinaram o respeito” “minha obrigação”, “vou ser” e outras. Nesses casos, temo o uso da primeira pessoa, marcando o máximo da enunciação, isto é, um eu que diz eu e instaura um tu. O efeito de sentido constituído é o de subjetividade e credibilidade.

No que se refere ao tempo, Fiorin (2014) explica que a construção do tempo linguístico é feita projetando-se o momento da enunciação (agora) nas categorias de /concomitância/ versus /não concomitância/, essa última ainda se subdivide em /anterioridade/ versus não /anterioridade/. Feitas essas projeções, criam-se três momentos de referência: um concomitante ao agora (presente); um anterior ao agora (pretérito) e um posterior ao agora (futuro). Aplica-se a categoria /concomitância/ versus /não concomitância/ a cada um desses momentos de referência. (FIORIN, 2014, p. 59).

Os comentários em análise possuem como momento de referência ao presente, datado do dia 17 de setembro de 2018. Logo, com base nesse momento, temos concomitância, anterioridade ou posterioridade temporal. Por exemplo, quando, no comentário 1 aparece “fui criada pela mãe e avó somente”, o verbo fui indica uma anterioridade ao presente, em outras palavras, o comentarista 1 foi criado pela avó e pela mãe em algum momento antes do agora (17 de setembro de 2018). Portanto, temos uma debreagem temporal enunciativa. O mesmo acontece com outros verbos encontrados nos 10 comentários, tais como “referia” (comentário 2) ou “criado” (comentário 5). Neles, existe uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência temporal.

Temos, ainda, a recorrência do presente durativo, quando o momento de referência é mais longo que o momento da enunciação. Como explica Fiorin (2016, p. 133), “o momento de referência é o tempo de duração de uma aula. É mais longo do que o momento da enunciação, mas, em algum momento, é simultâneo a ele”. Notamos o uso desse recurso nos comentários 5 e 6 a presença do presente durativo no “cursando” e “formando”, em que há o emprego do gerúndio (-ndo), que representa uma forma nominal do verbo indicando continuidade.

Vale destacar ainda a frase “nunca usei drogas”, do comentário 1. O advérbio nunca tem caráter durativo de iterativa. Ele contradiz globalmente o tempo, apresentando uma estrutura de “nunca na vida” (FIORIN, 2016, p. 15). Assim como a conjunção “quanto”, no comentário 2, que sinaliza continuidade temporal, não ruptura do tempo, proporcionando um efeito de sentido de pontualidade, de continuidade.

O último item a ser analisado na sintaxe discursiva é a espacialidade. De acordo com Fiorin (2016, p. 229), “das três categorias da enunciação, a menos estudada é o espaço”, dado que ela possui menor relevância no processo de discursivização. Desse modo, temos nos comentários um espaço demarcado pelo aqui, caracterizando uma debreagem espacial enunciativa. No entanto, o que mais nos chama atenção no espaço é o comentário 7.

Nele identificamos uma embreagem espacial devido à subversão dos pronomes demonstrativos – “este ser não sabe o que é uma mulher guerreira”. No trecho, o pronome correto seria esse e não este, já que a passagem se refere à uma pessoa já citada - Mourão. Temos, dessa forma, um espaço subvertido em que o emprego do “esse” poderia dar um sentido de desinteresse do enunciador por aquele de quem fala, colocando-o de fora do seu espaço. Com isso, o este sinaliza justamente o contrário, coloca Mourão no enunciado.

Passamos agora para a última etapa de análise do percurso gerativo de sentido, a semântica discursiva. Ela compreende as manifestações temáticas e figurativas das estruturas narrativa subjacentes. Barros (2002, p. 115) descreve que o tema garante a manutenção semântica, na passagem do narrativo para o discursivo, e a figurativização proporciona o acréscimo de sentido previstos nessa conversão. Há de considerar, ainda, o conceito de isotopia.

Segundo Barros (1994, p. 74), ela é a linha sintagmática do discurso, bem como a explicitação de sua coerência semântica. Assim, a isotopia é a responsável por assegurar a coerência semântica do discurso, por meio de recorrência de traços semânticos, em outros termos, os temas e as figuras. Todos os comentários são temáticos-figurativos, ou seja, o texto é recoberto por figuras. Além disso, eles podem ser lidos por duas isotopias temáticas diferentes.

A primeira rege os comentários – 1, 3 ao 10. Eles partem de temas como papéis sociais, qualificação pessoal e profissional, justiça e reconhecimento. Esses temas são recobertos por figuras, tais como “jornalista”, “faculdade”, “curso superior”, “mãe e vó”, “pós-graduação”, “Prouni”, “estágio”, “sargento da Marinha”, “enfermeira” e “próprio cnpj”. Já o segundo caminho rege o comentário 2, que parte de temas como papéis sociais e misoginia, sendo figurativizados por termos como “família”, “problemas sociais”, “áreas carentes” e “família dissociada (sem pai)”. Temos, portanto, nos dois planos de leitura, isotopias que lhe conferem homogeneidade e coerência entre os temas e figuras.

4 Conclusão

Nosso objetivo no artigo foi examinar, por meio da Semiótica Discursiva, os percursos narrativos e discursivos construídos pelos comentaristas do Quebrando Tabu e seus efeitos de sentido. Por meio das análises resultantes de parte do percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, podemos dizer que o universo dos comentários pode ser compreendido pela oposição inclusão (ao sistema familiar na

qual mães e avós criam sujeitos “desajustados”) e exclusão (ao âmbito familiar sustentado por mães e avós que criam filhos “ajustados”).

Essa dicotomia fica evidente, sobretudo, nos comentários 1, 3 a 10, em que os indivíduos se mostram excluídos da fala de Mourão. Melhor, eles se colocam como sujeitos que “deram certo”, mesmo tendo sido criados por mães e avós. Para tanto, eles rompem com o contrato proposto pelo sujeito de fazer (Mourão), uma vez que eles não partilham do mesmo sistema de crença e valores, não cedendo, portanto, à manipulação. O mesmo não acontece com o comentarista 2, que acredita ser verdade a fala de Mourão e entra em sua manipulação.

Tais narrativas são enriquecidas no nível discursivo, pelas figuras, que levam a temas como papéis sociais, qualificação pessoal e profissional, justiça e reconhecimento. Assim, o comentarista 02 utiliza figuras que permitem uma leitura em consonância com o discurso conservador de Mourão, já os demais comentaristas repelem tal leitura, utilizando figuras como “faculdade”, “formada em...”, “trabalho como”, “orgulho de mãe e vó”, que atuam como uma resposta à publicação inicial, assegurando que os sujeitos estão em disjunção com tal visão.

No que tange à enunciação, notamos o predomínio da debreagem enunciativa de pessoa e tempo, com o uso de primeira pessoa e do presente durativo, criando um efeito de sentido de subjetividade, por meio da presença de marcas de enunciação no enunciado. O uso do eu também garante credibilidade ao enunciado e qualifica as narrativas de vida. A utilização do “eu” no discurso é uma das características do espaço comentário (RECUERO, 2009), permitindo que os usuários se assumam enquanto enunciatóres, em uma troca de turnos entre enunciatóres e enunciatário, em que um mesmo sujeito pode assumir ambos os papéis, como é o caso do comentarista 1, que é enunciatário, respondendo a publicação, mas, também, assume o turno de enunciatóres, ao ter respostas vinculadas ao seu comentário.

Desse modo, conseguimos observar que os procedimentos utilizados pelo enunciatóres para elaborar seus comentários deixam efeitos de sentido de conjunção ou disjunção com a fala do Mourão, além de indicar suas posições ideológicas por meio das figuras e temas utilizados. No mais, evidenciamos que o espaço rede social vem se legitimando como um novo meio de interação, comunicação, política e informação, possibilitando que pessoas exponham seus posicionamentos e opiniões.

Referências

ALVES, Marcelo. Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018. 2019. 400 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Programa de Pós-graduação Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas/EdUSP, 2002.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

BRAGA, Sérgio; ROCHA, Leandro Caetano; CARLOMAGNO, Márcio Cunha; A Internet e os partidos políticos brasileiros. **Cadernos Adenauer**, v. 16, n.3, p. 47-74, 2015.

CÁCERES, Jesús Galindo. Arquitectura e ingeniería en comunicación social de las redes sociais en el ciberespacio. El servicio de redes sociais Facebook y el mundo emergente. In: BARBOSA, Marialva et al. **Comunicação em tempo de redes socais**. São Paulo: Intercom, 2013. p. 93-115.
Casa só com mãe e avó é fábrica de desajustados, afirma vice de Bolsonaro. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/18/interna_politica,706594/casa-so-com-mae-e-avo-e-fabrica-de-desajustados-afirma-mourao.shtml>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 02, n. 18, p.201-204, jun./dez. 2018.

FACEBOOK. Quebrando o Tabu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandoatabu//>> Acesso em: 15 dez. 2019.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. Contexto, São Paulo, 3 ed., 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. Contexto, São Paulo, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. Contexto, São Paulo, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 159 p.

OLIVEIRA, Luiz Ademir de. Disputa Eleitoral de 2014: As velhas práticas políticas num contexto de novas configurações midiáticas. In: ASSUNÇÃO, Antônio Luiz et al (Org.). **As letras da política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 185-201.

REAGLE JR, Joseph. Reading the Comments: Likers, Haters, and Manipulators at the Bottom of the Web. **Cambridge**, MA: MIT Press, 2015, 241 pp Reviewed by Mary Grace Lao. York University: Toronto, Canada. International Journal of Communication 10(2016), Book Review 3462–3465 1932–8036/2016BKR0009. Disponível em ijoc.org/index.php/ijoc/article/download/5938/1720. Acesso: 20/03/2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, Natália Silva Giarola de. As paixões no ciberativismo: análise semiótica dos comentários das fan-pages do Movimento Brasil Livre (MBL) e da Frente Brasil Popular (FBP). 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João Del rei, São João Del rei, 2017. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal2/repositorio/File/mestletras/Dissertacao Natalia Silva Giarola de Resende.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2/repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Natalia%20Silva%20Giarola%20de%20Resende.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SOBRAL, Adail Ubirakara. A relação entre enunciador e enunciatário In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (orgs.). **Semiótica objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 125-141.



Disjusted? A semiotic analysis of the comments on the *fanpage* Quebrando o Tabu

ABSTRACT:

This paper examine the narrative and discursive paths constructed by ten commenters on the fanpage “Quebrando o Tabu”, referring to the statement of Mourão in 2018, on families constituted only by mothers and/or grandparents resulted in children/grandchildren "maladjusted". So, we outlined a brief contextualization of the political moment through which Brazil was inserted and the aspects linked to social networks. As a theoretical and methodological framework we used the narrative and discursive levels of the Generative Path of Meaning of Discourse Semiotics. From these articulations, we verified the effects of meanings present in the comments, such as legitimacy, subjectivity and life narratives.

KEYWORDS:

Discursive semiotics;
Study of discourse;
Discourse on the Internet.